O PENSAMENTO DESCONSTRUCIONISTA E DESCENTRADO DE JACQUES DERRIDA: UM DESAFIO EPISTEMOLÓGICO NO COMBATE A FUNDAMENTALISMOS E TOTALITARISMOS

THE DECONSTRUCTIONIST AND DECENTERED THOUGHT OF JACQUES DERRIDA: NA EPISTEMOLOGICAL CHALLENGE IN COUNTERING FUNDAMENTALISM AND TOTALITARIANISM

Noli Bernardo Hahn[1]

RESUMO: O tema delimitado a este artigo é o pensamento desconstrucionista de Jacques Derrida, tendo como objetivo compreender em que consiste a desconstrução da racionalidade logocêntrica e a afirmação de uma racionalidade descentrada. A questão-problema que se reflete e se argumenta é esta: o que é pensar em Derrida? A resposta a esta questão é esta: pensar é desconstruir. Ao argumentar esta resposta, evidencia-se o desafio epistemológico no combate a fundamentalismos e totalitarismos que representa o pensamento do filósofo argeliano-francês e, ao mesmo tempo, mostra-se a necessidade de uma racionalidade descentrada para a construção permanente de democracias. As metas prioritárias da *desconstrução*, no horizonte da filosofia de Derrida, são o combate à tirania das normas, a percepção das alienações políticas da linguagem e a luta contra a dominação dos estereótipos.

PALAVRAS-CHAVE: Desconstrução. Racionalidade logocêntrica. Racionalidade descentrada. Tirania das normas. Democracia.

ABSTRACT: The theme delimited to this article is the deconstructionist thought of Jacques Derrida, it aims to comprehend what is the deconstruction of logocentric rationality and the affirmation of a decentered rationality. The question-problem that is reflected and it is argued is this: what is to think according to Derrida? In arguing this answer, is evident in the epistemological challenge in countering fundamentalism and totalitarianism that is the thought of the Algerian-French philosopher and, at the same time, it shows the need for a decentered rationality for the permanent building of democracies. The priority goals of deconstruction, within the horizon of Derrida's philosophy, are the struggle against the tyranny of norms, the perception of political alienations of language and the struggle against the domination of stereotypes.

1 Pós-Doutorado pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Doutor em Ciências da Religião, Ciências Sociais e Religião, pela UMESP. Professor Tempo Integral da URI, Campus de Santo Ângelo. Graduado em Filosofia e Teologia. Possui formação em Direito. Integra o Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado e Doutorado em Direito. Lider do Grupo de Pesquisa Novos Direitos na Sociedade Complexa. Pesquisa temas relacionando Direito, Cultura, Filosofia e Religião. nolihahn@santoangelo.uri.br

KEYWORDS: Deconstruction. Logocentric rationality. Decentered rationality. Tyranny of norms. Democracy.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ler Jacques Derrida é desconcertante. Suas letras e sua lógica desconcertam e desorientam todo leitor atento ao seu conteúdo e ao seu método. Sua filosofa, no entanto, também orienta. A lógica deslizadora, deslocadora, diferida, descentrada de Derrida não desconcerta e ludibria, apenas, mas, também, abre um rastro[2] orientador, mas descentrado. Diferenciar, deslizar, deslocar e descentrar são ações que acenam a uma lógica não conceitual, de viés crítico à ótica logocêntrica, que caracteriza o pensamento desconstrucionista de Jacques Derrida.

Com esta informação, já se aponta a uma das teses centrais deste filósofo que nasceu na Argélia, em 1930. Estudou em Paris e lecionou em diferentes universidades européias e americanas. Jacques Derrida faleceu em 2004. Escreveu em torno de oitenta livros. Sua vasta obra abre um leque de inúmeros temas e esses são refletidos, hoje, em várias ciências.

Derrida pensou, em sua obra, a lógica ao mesmo tempo prometéica e adâmica, ao mesmo tempo grega e abraâmica, ao mesmo tempo judeu-cristã-islâmica (DERRIDA, 2002, p. 44). Jacques Derrida pensou, em sua obra, teses, posições, pressuposições que perpassam a história da filosofia e a história das religiões. Ele mesmo, em vários dos seus textos, lembra o leitor que o seu pensar se refere a teses de Platão, Aristóteles a Heidegger, de Descartes a Kant, Levinas e Lacan (DERRIDA, 2002, p. 54).

Ao ler seus textos, constata-se que sua preocupação não foi apenas pensar construções filosóficas ocidentais, mas, também, pensar a lógica subjacente a textos mitológicos que provêm das grandes religiões[3] orientais. Seus escritos conectam pesquisa lingüística e pesquisa do sistema metafísico ocidental[4]. Na pesquisa lingüística, Derrida descortina, tira o pano, exatamente aquela cortina que mantém o centramento fonético[5].

A escritura, na lógica do centramento fonético, é, apenas, um suplemento da fala. Na pesquisa propriamente filosófica, pensar a lógica logocêntrica é central na obra do filósofo. Pensar o centramento fonético e pensar o logocentrismo mesclam-se, em Derrida, num mesmo pensar.

Mas o que é pensar em Derrida? Eis a questão de fundo deste artigo. Pode-se responder essa difícil e complexa pergunta com uma resposta que ainda não responde,

2 Rastro, em alemão *Spuhr*, é uma metáfora e uma categoria de compreensão importante para entender os escritos de Jacques Derrida. Rastro, no entanto, não tem um significado único como se fosse um conceito de sentido delimitado e universal. Em Derrida, rastro significa tanto o rastro do pai-logocêntrico, quanto, também, o rastro descentrado, diferido, quando o signo se abre e desliza seus sentidos citados na palavra, a partir de diferentes lugares.

3 Pode-se mencionar, especialmente, as reflexões sobre o relato da Gênese, o segundo relato da *Bereshit (no princípio*, em hebraico), do pecado original, do deus que deixa o homem nomear, mas ele, "todo poderoso", está presente "para ver". Esses relatos refletidos por Derrida em *O animal que logo sou* provêm das tradições religiosas do povo hebreu. Pode-se mencionar aqui, também, o livro *Torres de Babel*.

4 Em várias obras se constata essa conexão. Destacam-se: *Gramatologia, A farmácia de Platão e A escritura e a diferença.*

5 No desenvolvimento do artigo, procura-se esclarecer o que significa centramento fonético.

mas abre um rastro: pensar é desconstruir. Com esta resposta, ou seja, pensar em Derrida é desconstruir, delimita-se o horizonte temático e especifica-se o objetivo central do artigo. Procura-se refletir a estrutura do pensamento metafísico, sendo este, na compreensão de Derrida, alicerce de fundamentalismos e totalitarismos, e entender a lógica descentrada que desconstrói a lógica centrada metafísica.

Compreender o pensamento de Derrida nesse horizonte justifica-se pela perspectiva democrática, tanto na política, quanto no direito, como na cultura, da qual não se pode abdicar. Defender a democracia, inclusive, na ótica epistemológica, é um imperativo para uma humanidade mais civilizada, cidadã e consciente de si.

O texto divide-se em duas partes centrais. Primeiro, apresentam-se ideias que se configuram numa racionalidade centrada no *lógos*, sendo esta a que foi alvo de desconstrução, de de-sedimentação, não anulação, do filósofo pós-estruturalista. Num segundo momento, faz-se uma introdução a uma racionalidade não nascida de um *lógos*, em que se procura entender a lógica descentrada de Derrida. Num esforço para compreender os desafios, as implicações e aplicações do pensamento do filósofo, elaboram-se, como considerações finais, algumas ideias nesse intuito. Nestas conclusões, acena-se, também, a fundamentalismos e totalitarismos que sempre poderão ressurgir a partir de estruturas de pensamento metafísico de-sedimentadas pelo filósofo em estudo.

1 A CRÍTICA AO LOGOCENTRISMO (OU A CRÍTICA À RACIONALIDADE NASCIDA DE UM LÓGOS)

No livro Gramatologia (2004), Derrida relaciona etnocentrismo e logocentrismo. Chega a afirmar que o logocentrismo é "o etnocentrismo mais original e mais poderoso, que hoje está em vias de se impor ao planeta, e que comanda, numa única e mesma ordem" (DERRIDA, 2004, p. 3-4) o conceito da escritura, a história da metafísica e o conceito da ciência ou da cientificidade da ciência (DERRIDA, 2004, p. 3-6).

Ao relacionar etnocentrismo com logocentrismo, ou logocentrismo com etnocentrismo, o filósofo argeliano parece dizer-nos que sua obra poderá (ou deverá?!) ser lida, como um todo, relacionando-a ao componente político da desconstrução, mesmo aqueles textos de rigor filosófico e estritamente filosóficos. Torna-se relevante lembrar que Argélia, até 1962, fora colônia da França. Derrida teria, até, declarado, poucos anos antes de sua morte, que tudo, o que escreveu, está, de certa forma, relacionado à condição colonial do país onde nasceu.[6]

Com essas duas informações introdutórias, vai-se à seguinte questão: o que é logocentrismo a partir de estudos de Jacques Derrida e como ele procede em sua crítica?

Logocentrismo pressupõe uma origem. Pressupõe também um centro. Pressupõe que a origem seja e/ou determine o centro. Supõe-se, portanto, uma origem. A origem. Essa origem é presença a si. Presença plena a si. O ser como relação a si. Origem plena de si e em si.

6 Conforme vídeo biográfico *Aliás Derrida*.

Tal origem é o significado absoluto e o significante com significado infinito e pleno: o significante do significante. Sempre o mesmo. A relação com o não-mesmo é uma relação derivada. O que está numa posição derivada não constitui o sentido e muito menos o institui. A origem é a que determina, limita, controla, constitui e institui o sentido.

O lógos, no entanto, não é a origem. Ele tem um pai. Esse pai pode ser o deus dos deuses, o rei dos deuses, o rei dos reis, o santo dos santos, a natureza das naturezas, o livro dos livros, a voz das vozes, o verbo dos verbos, a palavra das palavras, o significado dos significados, a alma das almas, o pai dos pais, o lógos dos lógoi.[7]

Os deuses, os reis, os santos, as naturezas, os livros, as vozes, os verbos, as palavras, os significados, as almas, os pais, os lógoi, que não são o pai, que não são a origem, permanecem, porém, nos limites do pai eterno, invisível e imutável. Permanecem no rastro[8] *do pai.*

Os lógoi são assistidos pelo lógos. Os deuses, os reis, as palavras mantêm sua relação com o deus, o rei ou a palavra numa condição de assistidos. "Se o lógos tem um pai, se ele é um lógos assistido por seu pai, isto se deve ao fato de ele ser sempre um ente (ón) e mesmo um gênero de ente" (DERRIDA, 2005, p. 24). O ente sempre mantém sua relação lógica com o ser. Não foge, não desconecta e não se desvia dele. O fundo é, o fundo permanece. Sempre. Desde o princípio. No caso, o tempo mítico se sobrepõe ao tempo histórico.

Derrida lembra, em diferentes momentos da sua obra, que tal princípio logocêntrico e sua consequente lógica metafísico-conceitual, devem ser compreendidos como um "sistema" (DERRIDA, 2005, p. 24). Ao analisar textos escritos por Platão, Derrida comenta:

> Mesmo que não queiramos, aqui, nos deixar conduzir pela passagem fácil que faz comunicar as figuras do rei, do deus e do pai entre si, bastaria prestar uma atenção sistemática – o que, que saibamos, nunca foi feito – à permanência de um esquema platônico que confere a origem e o poder da fala, precisamente do *lógos*, à posição paternal. Não que isto se produza somente e por excelência em Platão. Sabe-se ou imagina-se isso facilmente. Mas que o 'platonismo', que instala toda a metafísica ocidental na sua conceitualidade, não escape à generalidade desta sujeição estrutural, ilustrando-a até mesmo com um brilho e uma sutileza incomparáveis, só torna o fato mais significante. (DERRIDA, 2005, p. 22)

A metafísica ocidental na sua conceitualidade, em sua lógica logocêntrica, opera numa compreensão em que: o sentido já está dado; a origem é o sentido; o princípio é o significado. O pai do *lógos* olha os *lógoi*; ele sai para ver; o pai é o que supervisiona, controla o sentido, o significado, o nome[9]. É ele quem vai dizer se está bem ou não. É ele

7 Lendo *A farmácia de Platão* consegue-se perceber a crítica política que perpassa nessa análise de Derrida.

8 Jacques Derrida recorre a metáforas para que o leitor consiga compreender o seu complexo pensamento. A metáfora do *Istos* – Mastro de navio ou rolo vertical, de onde partem os fios da urdidura sobre o tear de tecelão – ajuda a entender a conexão dos fios ao pai do *lógos*. Porém *rastro* e a metáfora do *Istos* não explicam, apenas, a crítica à racionalidade logocêntrica. Esclarecem, também, o pensamento descentrado de Derrida.

9 Jacques Derrida comenta textos hebreus em relação a essa temática em *O animal que logo sou.*

quem vai constituir e instituir o sentido.[10] Quanto mais próximo da origem, menor é o risco do desvio, da falsidade, da inverdade. O *lógos* é a verdade imutável supervisionada pelo pai do *lógos* invisível, onisciente, onipotente e onipresente.[11]

Derrida, ao analisar textos[12] especialmente de Saussure, Hegel, Rousseau e Lévi-Strauss, além de outros autores, procurando desvelar o logocentrismo subjacente aos seus escritos, esclarece a lógica fonocêntrica. Conforme o autor, "tal noção permanece, portanto, na descendência deste logocentrismo que é também um fonocentrismo: proximidade absoluta da voz e do ser, da voz e do sentido do ser, da voz e da idealidade do sentido." (DERRIDA, 2004, p. 14)

A que noção Derrida se refere? Ele se refere, de forma mais ampla, à lógica aristotélica fonocêntrica pela qual se entende que os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidas pela voz. Há, portanto, uma descendência lógica: estados da alma – voz – escrito. A lógica também pode ser expressa da seguinte forma: Pai do *lógos* – *lógos* – voz – escrito. Entre o pai do *lógos*, *o lógos* e a voz existiria uma proximidade essencial e imediata. A voz, no caso, como produtora dos primeiros símbolos e tendo uma proximidade essencial e imediata com *o* sentido (o *lógos*), instituído e constituído pelo pai do *lógos*, produz o primeiro significante, que não é um significante qualquer.

Jacques Derrida esclarece a compreensão aristotélica da seguinte forma:

> Ela (a voz) significa o 'estado de alma' que, por sua vez, reflete ou reflexiona as coisas por semelhança natural. Entre o ser e a alma, as coisas e as afeções, haveria uma relação de tradução ou de significação natural; entre a alma e o *lógos*, uma relação de simbolização convencional. E a primeira convenção, a que se referia imediatamente à ordem da significação natural e universal, produzir-se-ia como linguagem falada. A linguagem escrita fixaria convenções, que ligariam entre si outras convenções. (DERRIDA, 2004, p. 13)

A voz significando o estado de alma e tendo proximidade essencial com *o* sentido (o *lógos*, a alma), é ela que está mais próximo do significado. O escrito é um derivado da voz, exclusivamente. Apenas a representa. O escrito, como derivado e de função representativa, não tem nenhum sentido constituinte.

A visão logocêntrica, que faz entender o escrito como não tendo poder constituinte de sentido, estando afastado e longe *do* significado, numa condição derivada, e até numa posição de rompido com o natural, com a primeira natureza, com *a* natureza, institui o desprezo, a desconsideração, a desvalorização, a anulação. Se o pai do *lógos* sai para ver e não concorda com o que vê, ele despreza, desconsidera, desvaloriza e anula. Tudo, por conseguinte, que se desvia *do* sentido não tem significado. O *lógos*, que institui o *mono* – monolinguismo – (DERRIDA, 2001) impõe limites, fecha-se sobre si, absolutiza, dogmatiza e despreza o que não estiver *no* sentido ou *no* significado apriori definido, concebido e delimitado.

10 O capítulo 2 de *A farmácia de Platão* é central para compreender essa idéia.

11 Os teólogos cristãos, ao dialogar com a filosofia grega, pactuaram com uma concepção logocêntrica. Derrida, como já se constatou, percebeu que a visão logocêntrica já está presente em textos mitológicos hebreus.

12 Refire-se, aqui, especialmente, a *Gramatologia*.

Em síntese, Jacques Derrida relaciona etnocentrismo, logocentrismo, fonocentrismo e monolinguismo. Em suas críticas à racionalidade que nasce de um *lógos*, ele aponta as relações intrínsecas que representam e configuram um sistema ou uma estrutura que necessita ser desconstruída. Tal sistema se estrutura num monolinguismo do outro (DERRIDA, 2001) - daquele que se impõe sobre, sobrepõe, despreza, anula, desconsidera, dizima, desvaloriza, não tolera e muito menos acolhe quem não se enquadra – que se objetiva na afirmação de uma visão etnocêntrica que, em sua origem, é logocêntrica e fonocêntrica.

Na sequência, procura-se esclarecer aspectos do pensamento descentrado de Derrida, pensamento que evidencia a desconstrução de uma racionalidade que se embasa e se fundamenta na metafísica. Em outras palavras, aponta-se elementos de uma racionalidade que não nasce a partir de um centro, de um fundamento, de uma essência, de um *lógos*.

2 A CONSTRUÇÃO DE UM PENSAMENTO DESCENTRADO (OU UMA RACIONALIDADE NÃO NASCIDA DE UM LÓGOS)

Homogeneidade, unidade, universalidade, unicidade, centramento, são palavras/categorias que denotam sentido (*o* sentido) a partir de uma racionalidade logocêntrica e essencialista. Desconstruir essa racionalidade foi a grande batalha teórica desenfreada por Derrida ao longo de meio século de escritos. Ao ler seus textos, percebe-se, no entanto, que desconstruir não é anular a herança filosófica e literária[13]. A essa herança, diz ele, somos devedores e necessitamos homenageá-la. Essa postura nobre de quem reconhece não deve ser entendida como se o reconhecedor pactuasse com um sistema[14] que, conforme o filósofo, necessita ser destruído, desconstruído e de-sedimentado.[15] (DERRIDA, 2001; 2004; 2005)

A racionalidade que não é mais nascida de um *lógos* "inaugura a destruição, não a demolição mas a de-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de *lógos*. Em especial a significação de verdade". (DERRIDA, 2004, p. 13)

O que Derrida fez foi metodicamente desconstruir uma estrutura (*a* estrutura!), uma racionalidade (*a* racionalidade!), para melhor percebê-la. De certa forma, este foi o fundamento da desconstrução. Derrida sempre criticava o desengajamento crítico da análise estrutural. Para o autor, desconstruir é fazer perceber as alienações políticas da linguagem; é lutar contra a dominação dos estereótipos; é combater a tirania das normas. Percebe-se assim o alcance político[16] da obra desconstrucionista derridareana.

Quais foram as descobertas de Jacques Derrida para poder de-sedimentar "todas as significações que brotam da significação de *lógos*" ? (DERRIDA, 2005, p. 27)

13 Jacques Derrida, em seus textos, em diferentes momentos, insiste na ideia de que desconstruir não é anular a herança.

14 Subentende-se o sistema metafísico-ocidental e logocentrista.

15 Ao ler os textos de Derrida, os verbos de-sedimentar, destruir e desconstruir são recorrentes.

16 Quando se lê, por exemplo, *Gramatologia* e *A farmácia de Platão*, que são obras filosóficas, do início ao fim percebe-se o combate à perspectiva autoritária e reducionista que uma linguagem pode integrar.

Em suas críticas ao fonocentrismo e, consequentemente, ao etnocentrismo, ao logocentrismo e monolinguismo, o filósofo afirma a não existência de uma escrita fonética que precede a escrita e está convencido de que não há escrita pura e rigorosamente fonética.[17]

Com essas duas 'descobertas', ele deu um golpe fatal no *pai* do *lógos* e no *lógos*. O escrito deixa de ser um suplemento da voz que tem relação essencial com o *lógos*, aquele que é vigiado, supervisionado e controlado pelo pai invisível, eterno, onisciente, onipotente e onipresente.

Com o desaparecimento do pai do *lógos*, do *lógos* e da voz pura, plena e natural, tem-se o escrito que institui e constitui o sentido, o significado sempre diferido e descentrado. Abre-se *o rastro* da polissemia, das ambiguidades, das possibilidades.

Derrida recorre à metáfora de "eixo" e "pólos" para fazer perceber o seu leitor da ambiguidade de sentido na palavra *phármakon*. Veja o que ele diz:

> A tradução corrente de *phármakon* por *remédio* – droga benéfica – não é de certa forma inexata. Não somente *phármakon* poderia querer dizer *remédio* e desfazer, a uma certa superfície de seu funcionamento, a ambigüidade de seu sentido. Mas é evidente que, a intenção declarada de Theuth sendo a de fazer valer seu produto, ele faz girar a palavra em torno de seu estranho e invisível *eixo* e a apresenta sob *apenas um, o mais tranqüilizador, de seus pólos. Esta medicina é benéfica, ela produz* e repara, acumula e remedia, aumenta o saber e reduz o esquecimento. Contudo, a *tradução por 'remédio' desfaz, por sua saída da língua grega, o outro pólo reservado* na palavra *phármakon*. Ela anula a fonte da ambigüidade e torna mais difícil, senão impossível, a inteligência do contexto. Diferentemente de 'droga' e mesmo de 'medicina', *remédio* torna explícita a racionalidade transparente da ciência, da técnica e da causalidade terapêutica, excluindo assim, do texto, o apelo à virtude mágica de uma força à qual se domina mal os efeitos, de uma dinâmica sempre surpreendente para quem queria manejá-la como mestre e súdito. (DERRIDA, 2005, p. 44)

Essa longa citação esclarece o que é uma das teses centrais do filósofo em estudo: a palavra girando num *eixo* apresenta *pólos*. Os *pólos* evidenciam a ambiguidade de sentidos, as possibilidades de deslizamentos, de deslocamentos, da diferença. *Phármakon* pode significar 'droga' ou 'remédio'. A fonte da ambiguidade está inerente à palavra que significa. Quando esta fonte for anulada torna-se impossível a inteligência do contexto. O pai do *lógos* e o *lógos* sempre anulam a fonte da ambiguidade e instalam a exatidão, a mesmidade, a unicidade, a unidade, o centramento, a homogeneidade e a universalidade.

A racionalidade que não é mais nascida de um *lógos* desequilibra a estrutura e abre o signo. Pode-se falar de novos 'conceitos' e novos 'modelos' que fogem ao sistema de oposições metafísicas.

Uma 'racionalidade' não nascida de um *lógos* concebe o signo como significado fugidio e como significante sem fundo. A cadeia significante, que se desprende e foge da lógica do *lógos*, da corrente do *lógos*, remete a uma significação sempre diferida. As

17 Ao fazer a análise minuciosa de *desconstrução* do pensamento de vários autores (Saussure, Hegel, Lévi-Strauss, Rousseau) em *Gramatologia*, vai se percebendo claramente essas 'descobertas'.

teorias estruturalistas e semiológicas, que estão presas, acorrentadas ao dualismo, ao nominalismo, ao universalismo, ao idealismo recebem uma crítica radical no momento em que o signo é concebido como significação sempre diferida, deslocada, deslizada, descentrada de um centro e de um foco único.

Derrida, em seus escritos, pergunta pelo significado último que, na lógica logocêntrica, está muito evidente e claro. Jacques Derrida afirma que no mundo dos significados e significantes não há fundo. Apenas há a escrita de uma escrita. E uma escrita remete a outra escrita fazendo com que o prospecto dos signos seja infinito.

Integro, aqui, duas citações, que ajudam a entender o tema em discussão. Em *Gramatologia*, quando Derrida reflete o fim do *Livro* e o começo da *Escritura*, afirma:

> O advento da escritura é o advento do jogo; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranqüilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-de-jogo que vigiavam o campo da linguagem. Isto equivale, com todo o rigor, a destruir o conceito 'signo' e toda a sua lógica. (DERRIDA, 2004, p. 8)

O fim do *Livro* significa a de-sedimentação, a destruição, a desconstrução do conceito signo (*o* signo) e toda a sua lógica. O fim do Livro refere-se ao fim da lógica fonocêntrica/logocêntrica. O começo da *Escritura* é também o início do jogo, pelo qual vai se apagando o limite que regula o signo. Qual limite? Na lógica do pai do *lógos*, do *lógos*, o limite está dado. Há o limite delimitado. Tem-se *o* sentido, *o* significado. Exatidão delimitada. Agora, na outra racionalidade, o jogo, que apaga o limite, faz surgir, numa operação de "transbordamento"[18] (DERRIDA, 2004, p. 8), a circulação de signos infinitamente.

A metáfora do jogo faz entender a racionalidade que não provém do *lógos*. Agora, como não há mais limite, porque não há fundo que delimita o sentido, a produção de signos acontece de escrita para escrita.

Em *A farmácia de Platão* (2005), quando Derrida discute a tradução do termo *phármakon*, traz mais detalhes para compreender a racionalidade descentrada. Vejamos uma parte do texto:

> *Remédio*, menos que o fariam sem dúvida 'medicina' ou 'droga', obstrui a referência virtual, dinâmica, aos outros usos da mesma palavra da língua grega. Sobretudo, uma tal tradução destrói o que chamaremos, mais adiante, a escritura anagramática de Platão, interrompendo as relações que nela se tecem entre diferentes funções da mesma palavra em diferentes lugares, relações virtualmente mas, necessariamente, 'citacionais'. Quando uma palavra inscreve-se como a citação de um outro sentido dessa mesma palavra, quando a antecena textual da palavra *phármakon*, significando remédio, cita, re-cita e permite ler o que na mesma palavra significa num outro lugar e a uma outra profundidade da cena, veneno (por exemplo, pois *phármakon* quer dizer ainda outras coisas), a escolha de uma só dessas palavras pelo tradutor tem como primeiro efeito neutralizar o jogo citacional, o 'anagrama', e, em último termo, simplesmente a textualidade do texto traduzido. (DERRIDA. 2005, p. 45)

18 Para Jacques Derrida, transbordamento e apagamento são um único e mesmo fenômeno. Veja, conforme a nota, em *Gramatologia*.

Derrida, na citação acima, fala de "diferentes funções da mesma palavra em diferentes lugares"; "relações virtualmente citacionais"; "palavra que se inscreve como a citação de um outro sentido dessa mesma palavra"; remédio ou veneno: "a escolha de uma só dessas palavras pelo tradutor tem como primeiro efeito netralizar o jogo citacional". Traduzir apenas por *remédio*, "obstrui a referência virtual, dinâmica, aos outros usos da mesma palavra".

A partir dessas idéias pode-se notar que a palavra, inerente a ela, encontra-se citada de mais de um sentido. Há mais de um sentido citado numa mesma palavra. Essas citações de diferentes sentidos numa mesma palavra, num mesmo 'conceito'[19], são (ou representam) o jogo citacional da possibilidade do transbordamento, da diferença, do descentramento, do deslizamento, do deslocamento. Se inerente à palavra há pólos de sentido, se há mais de um sentido, se há relações que se tecem, estas relações se tecem "entre diferentes funções da mesma palavra em diferentes lugares". Percebe-se que os sentidos inerentes à palavra deslizam, transbordam, saem de dentro, a partir e em função de "diferentes lugares" já citados na palavra. Tal palavra integra uma dinâmica do jogo citacional. Os sentidos interiores à palavra, no entanto, não são determinados por um pai de *lógos* ou um *lógos*. Não há *o* sentido constituído, instituído, centrado num pai invisível ou numa autoridade. Existem, sim, os sentidos citados. Sentidos citados a partir e em função de um lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DO PENSAMENTO DE JACQUES DERRIDA)

Lendo autores (NASCIMENTO, 2005) que estudaram o pensamento de Derrida, pode-se constatar que a grande obra do filósofo argeliano, mesmo que há meio século vem de-sedimentando e desconstruindo estruturas, princípios, pressupostos e verdades, ainda precisa ser muito estudada e meditada para se compreender as consequências, as implicações e as aplicações do modo e do conteúdo do seu pensar.

A história milenar das grandes religiões orientais, através de uma literatura mitológica, narra uma história embasada em compreensões logocêntricas, que se evidenciam teocêntricas, nas quais deus não deixa de ser um deus-essência. Um deus onipresente, onipotente, onisciente, todo poderoso, que, até, deixa a liberdade ao homem nominar os animais e as coisas, mas, após, ele dá uma volta *para ver* se tudo está conforme a forma original e natural. Mesmo que na tradição hebraica, judaica e cristã há correntes teológicas que possuem como referente um deus com traços históricos, a história registra, com muita ênfase, que as correntes teológicas essencialistas sobrepuseram-se às teorias teológicas que se alicerçavam num deus de cunho mais histórico e que não dizia *sempre* a *mesma* palavra. Assim sendo, uma das faces da história das religiões consiste numa imposição de normas, de leis, de princípios e de dogmas inquestionáveis.

Essa história religiosa milenar oriental integrada com a história da filosofia ocidental construiu gerações que conceberam e concebem o mundo a partir de uma racionalidade logocentrista. Essa racionalidade embasou e construiu estereótipos de

19 Aqui, conceito não pode ser entendido como palavra que integra um único sentido pré-dado de ótica logocentrista.

perfil dominador, leis tirânicas e alienações políticas, ajudando a gerar e construir fundamentalismos religiosos e totalitarismos políticos.

Uma das contribuições de Derrida foi despertar exatamente às alienações de uma linguagem que se entende ter sua origem numa autoridade invisível e oculta que a autoriza, institui e constitui. Os estados modernos, tanto os de orientação liberal-positivista, quanto os de orientação marxista, alicerçaram seus fundamentos em bases filosóficas metafísico-ocidentais logocêntricas, constituindo Estados não democráticos.

Ao pensar construções filosóficas ocidentais, ao desconstruir o sistema metafísico ocidental, especificamente ao argumentar a não existência de uma escrita fonética que precede a escrita, que não há escrita pura e rigorosamente fonética e que no mundo dos significados e significantes não há fundo, o filósofo argeliano destituiu categorias de significado universal. Ao negar o fundo significante e o conceito de sentido único e universal, destitui, também, o esquema tradicional das tradições filosóficas ocidentais que se baseiam em esquemas dicotômicos e binários de pensamento.

Nas teorias feministas pós-estruturalistas, as teorizações do sujeito universal são muito criticadas. Há uma negação muito clara de identidades essenciais. A noção de sujeito social universal e as noções de identidades essenciais de gênero, que possuem seus alicerces numa concepção filosófica logocêntrica e essencialista, elaborados e transmitidos pelo pensamento liberal, e este influenciado pelos ideais iluministas, foram desconstruídos pelo pensamento de Derrida. Nota-se, nesse sentido, o quanto sua filosofia contribui na elaboração de um pensar crítico em relação a pressupostos, princípios, leis, valores, normas essencialistas e universais.

Outra contribuição da filosofa derridareana refere-se ao tema diferença. Esse tema necessita ser pensado intraconceitualmente. O pensamento metafísico-ocidental instituiu um pensar dual e binário (vida/morte, homem/mulher, seco/úmido, público/privado, justiça/injustiça, remédio/droga). A diferença, nesse esquema binário, concebe-se por oposição dual (ou remédio, ou droga; ou homem, ou mulher; ou privado, ou público). A palavra contém *o* sentido pré-dado, constituído, instituído, autorizado pelo pai do *lógos*, portanto sentido essencial, natural, único, imutável, inquestionável. Em Derrida a palavra está citada de sentidos que desempenham funções diferentes conforme o lugar. Repete-se e enfatiza-se: a diferença deve ser pensada intraconceitualmente e não no sentido de um conceito *versus* outro conceito. As palavras, como não possuem sentido único, mas contêm sentidos citados que num jogo citacional significam, a noção de diferença no interior supõe a não estabilidade das categorias: há deslizamento, há deslocamento de sentidos conforme o lugar. Essa noção de diferença não consiste numa diferença conceitual (um conceito X outro conceito), mas num pensar diverso, distinto, diferente no interior da identidade. Na lógica da identidade logocêntrica, uma coisa é o que é. Na lógica da identidade descentrada de Derrida, uma coisa é o que em parte não é. *Phármakon* não é apenas e sempre remédio. *Phármakon* também é droga, além de estar citado de outros sentidos. Homem não é apenas homem. Mulher não é apenas mulher. Aliás não existe *o* homem, *a* mulher. Existem homens e mulheres. E homem 'contém' mulher. E mulher 'contém' homem. (BURBULES, 2003, p. 175-176)

Vimos que Jacques Derrida relaciona logocentrismo, monolinguismo, fonocentrismo com etnocentrismo. Seus escritos são uma crítica radical ao etnocentrismo. Este pode se manifestar de muitas formas, porém uma delas é a sobreposição de uma cultura,

que se credita e se apresenta como *a* cultura, sobre as demais. Para se creditar como *a* cultura, recorre-se freqüentemente a teorias evolucionistas, afirmando-se como *a* cultura mais evoluída. As reflexões de Derrida ajudam a pensar um multiculturalismo numa perspectiva crítica.

Pode-se perguntar, ainda, se Derrida não pensava numa epistemologia da *diferença no interior* da palavra. (BURBULES, 2003) Epistemologia consiste numa reflexão geral em torno da natureza, das etapas e dos limites do conhecimento humano. Epistemologia integra, também, teoria da ciência. Consiste, por exemplo, no estudo dos postulados, conclusões, métodos dos saberes científicos e estes sempre avaliados, em sua validade cognitiva, nas relações com a sociedade e a história. A ciência moderna construiu-se tendo por base uma definição de conhecimento em que duas polaridades se relacionavam por oposição. De um lado, tem-se o sujeito que indaga e do outro, o objeto inerte sobre o qual se pergunta. O sujeito que pergunta elabora questões que, em boa medida, é uma linguagem que contêm sentidos definidos, pré-dados, constituídos, instituídos, estabelecidos por uma autoridade invisível e oculta. Jacques Derrida fala dessa temática, em *Gramatologia,* quando diz que há a necessidade de combater o imperialismo do *lógos*, pois este comanda, também, o conceito de ciência e toda a cientificidade da ciência. (DERRIDA, 2004, p. 3-6) Entende-se que o filósofo, nascido na Argélia, colônia da França, ao elaborar seu pensar que de-sedimenta o imperialismo do *lógos*, ao combater as alienações da linguagem, desconfia da validade cognitiva dos resultados científicos de uma ciência alicerçada na lógica sedimentada num sistema platônico-metafísico-ocidental. Em suas elaborações, em que nega *a* verdade, em que desconstrói verdades primeiras sedimentadas num *lógos*, onde nada é dado ou pré-dado, onde a oposição entre *remédio* e *droga*, na mesma palavra *phármakon*, não é natural, mas citada e significada a partir de um lugar, Derrida abre o signo para construir uma teoria que nos permite pensar pluralidades, diversidades e diferenças, em lugar de apenas unidades e universais. Decorre desse entendimento uma epistemologia com uma abrangência explicativa maior e diferenciada, e de incidência social e histórica mais democrática, daquela que se elaborou a partir de um racionalismo logo-mono-falo-etnocêntrico.

Conclui-se retomando a questão inicial: o que é pensar em Derrida? Não há uma única resposta a essa pergunta, como não há uma desconstrução, em sentido singular. Se pensar consiste em desconstruir, em de-sedimentar, especialmente *a* verdade, *o* sentido, pensar, volta-se a enfatizar, é combater a tirania das normas, é fazer perceber as alienações políticas da linguagem, é lutar contra a dominação dos estereótipos. Dessa forma, fazendo referência ao título deste artigo, o pensamento desconstrucionista e descentrado de Jacques Derrida evidencia-se num desafio epistemológico no combate a fundamentalismos e totalitarismos, caminho necessário para manter a vitalização das democracias, em sentido plural, pois *a* democracia, em sentido singular, na concepção do pensador argeliano, não poderá subsistir.

REFERÊNCIAS

BURBULES, Nicholas C. Uma gramática da diferença: algumas formas de repensar a diferença e a diversidade como tópicos educacionais. In: GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (org.). *Currículo na contemporaneidade* – incertezas e desafios. São Paulo: Cortez, 2003, p. 159-188.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DERRIDA, Jacques. *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo: UNESP, 2002.

DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Porto: Campo das Letras, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

NASCIMENTO, Evandro (org.). *Jacques Derrida* – Pensar a desconstrução. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

RECEBIDO EM: 21/02/2018
APROVADO EM: 10/07/2018